

COMO LER O MANIFESTO DO SURREALISMO (1924) DE ANDRÉ BRETON? ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

HOW SHALL WE READ ANDRÉ BRETON'S MANIFESTO OF SURREALISM (1924)? INTRODUCTORY ELEMENTS

Robert Ponge (UFRGS)

r.ponge@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-1078-8212>

RESUMO: *Com suas recusas e valorizações, o Manifesto do surrealismo (1924), do poeta francês André Breton (1896-1966), assumiu uma grande importância no contexto das ideias, da cultura, das artes, da poesia e, ainda, no universo político, tanto do período em que foi lançado como no subsequente, até hoje. Tendo presente a difícil leitura e entendimento do seu conteúdo e, não raro, a acusação de obscuridade e hermetismo contra o mesmo, o presente artigo tem como objetivo se debruçar sobre o texto, buscando identificar os elementos precípuos que nortearam a abordagem de Breton e que vão configurar a essência do surrealismo. Para tal, e com o intuito de facilitar a compreensão da referida publicação, utiliza-se da vivência docente do autor sobre o tema e dos acúmulos de experiência que a mesma propiciou, com o entendimento, outrossim, que tal aproximação possibilita um desvendamento e valorização ainda maiores do Manifesto.*

PALAVRAS-CHAVE: Breton (André); surrealismo; Manifesto do surrealismo, 1924; valores cardeais do surrealismo.

ABSTRACT: *With its likes and dislikes, rejections and approvals, the Manifesto of Surrealism (1924), by the French poet André Breton (1896-1966), assumed great importance in the context of ideas, culture, the arts, poetry and also in the political world, both in the period in which it was launched and subsequently, to this day. Bearing in mind the difficulty in reading and understanding its content and, not unfrequently, the accusation of obscurity and hermeticism against it, this article aims to examine the Manifesto, identifying the main elements which guided Breton's approach and which will shape the essence of surrealism. To this end, and with the aim of making it easier to understand the abovementioned publication, use is made of the author's teaching experience on the subject and of the wealth of experience it has provided, with the understanding, moreover, that such an approach makes it possible to unveil and value the Manifesto even more.¹*

¹ O abstract foi traduzido do português por Márcia S. Nunes.
Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 77, jan/jun. 2024.
DOI: 10.22456/2238-8915.139537

KEYWORDS: Breton (André); surrealism; *Manifesto of Surrealism*, 1924; cardinal virtues of surrealism.

*À memória de Valentim Facioli,
colega e amigo muito querido, professor adorado pelos alunos,
generosa fonte de críticas propositivas e instigantes,
um mestre para mim, um ser direto, inteiro.*

1 Introdução

A busca da luz e de mais consciência constitui um norte do surrealismo (Breton, 1979 [1944], p. 121)². Contrapuseram-lhe (e, ainda hoje, setores da crítica contrapõem-lhe) a pecha de obscuridade, lançada contra os surrealistas (Bonnet, 1988, p. 1258). Ao que, já em 1920, com um quê de ironia e provocação, André Breton respondeu: “A obscuridade de nossas palavras é constante. A adivinhação do sentido deve continuar nas mãos das crianças” (1949 [1920], p. 88, tradução minha)³. Respondeu sem se ruborizar nem se desculpar, pois não cultivava a obscuridade pela obscuridade, não “prega[va] a ininteligibilidade” (Breton, 1985 [1949], p. 138). Porém, tampouco se preocupava com facilidades: escrevia para “poetas dignos do nome” e para autênticos amantes da poesia vivida como “total aventura interior” (Breton, [1946], p.76; 1970 [1962], p. 211; tradução minha)⁴. Postura legítima, que deve ser respeitada.

A dificuldade de adentrar-se em escritos autenticamente densos (sejam eles poéticos, filosóficos ou outros) não pode levar a maldizê-los. É aceito que o acesso a um autor árduo, como Hegel, entre outros, demanda tanto certos interesses como saberes prévios. Por que não se reconhece estatuto semelhante aos escritos e obras surrealistas?

Nos anos 1920, o surrealismo não era considerado pertencente à literatura ou à arte (*aquilo não é arte!* era voz corrente, inclusive na crítica dita especializada). Depois, passou a ser tolerado, mas mantido a distância. Foi apenas em meados dos anos 1960 que, na França, na universidade, o surrealismo tornou-se tema de pesquisa, depois, matéria de estudo no programa de disciplinas curriculares, e até nos *lycées*.

Matéria de estudo, portanto, objeto de ensino, pois os professores de literatura têm, obviamente, um horizonte outro que aquele de Breton, dos surrealistas. Sua atuação inscreve-se

² Aviso aos leitores: em cumprimento às normas da revista, a data de primeira publicação é indicada entre colchetes; a outra data (sem colchetes) remete ao ano de impressão da edição por mim consultada.

³ “L’obscurité de nos paroles est constante. La devinette du sens doit rester entre les mains des enfants”.

⁴ “ne prêch[ait] pas l’inintelligibilité”; “poètes dignes de ce nom”; elle est “toute aventure intérieure” *Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 77, jan/jun. 2024.

em uma dupla perspectiva. Por um lado, a tarefa de estudar a literatura, analisar escritos produzidos em um ambiente e processo de criação literária e/ou poética. Por outro, a tarefa de ajudar o alunado a adquirir saberes e práticas, cuja qualidade está, parcial, direta e/ou indiretamente, relacionada com os conhecimentos e desconhecimentos deles, docentes. Quanto à qualidade no ensino-aprendizagem, depende tanto do preparo das aulas pelo docente e da didática por ele empregada (a clareza conceitual e procedimental sendo primordial) como da bagagem prévia dos estudantes e de sua disposição (motivação, atenção, dedicação), além de diversas condições materiais. (Cuq *et alii*, 2003, p. 158-159, 82-85; Cuq, Gricca, 2002, p. 117-120).

Os dois horizontes (dos surrealistas, dos professores) não se confrontam, digladiam, negam. São apenas diferentes, enraizados em situações e finalidades distintas.

Isto posto, este artigo se debruça sobre o *Manifesto do surrealismo*, (1924), de Breton, com o fim precípuo de examinar seu conteúdo, apresentar suas principais proposições.

O *Manifesto do surrealismo* (doravante, simplesmente *Manifesto*) é um texto bem difícil de ser lido e apreendido, mesmo pelos professores, mesmo se doutores ou pós-doutores (o que é também verdadeiro para outras produções surrealistas). Tal dificuldade não pode ser superdimensionada, tornada absoluta, nem, tampouco, subestimada, devendo ser encarada com duas perguntas: de que procede? como ajudar os leitores a enfrentar e transpô-la? sendo que um encaminhamento adequado da segunda depende de uma resposta correta à primeira.

Ora, nas ocasiões em que ministrei aulas sobre o *Manifesto*, observei que tanto os acertos do alunado quanto suas hesitações, dúvidas e perguntas, bem como suas dificuldades, tropeços e equívocos subsidiavam minha própria reflexão, obrigando-me a aprofundar minha compreensão do mesmo e, por vezes, a precisar ou rever minhas explicações.

Desta constatação, nasceu a ideia de casar meu exame do *Manifesto* com rastros das vivências que acabei de mencionar, ou seja, de mesclar e entrelaçar ambos para que pudessem comparecer resgates dos diálogos, intercâmbios e interações com os estudantes, mesmo que isso interferisse na forma de exposição de meu estudo e, mesmo, o determinasse. Acredito que tal caminho só enriquece a análise e compreensão do *Manifesto* e, embora este artigo não pertença à área dos Estudos de Didática, poderá ter o efeito secundário de influir em colegas quanto ao trato com escritos surrealistas ou outros, densos e diferentes.

Como proceder? Preliminarmente, mencionarei o contexto de ensino, os antecedentes, as escolhas feitas em relação à condução e dinâmica das aulas. A seguir, adentrarei no âmago conteudístico deste artigo, relatando os passos do processo de leitura e investigação do texto, de sua discussão pelo alunado e com ele. Oferecerei elementos de conclusão.

2 O contexto de ensino e antecedentes

Sou professor universitário de literaturas de língua francesa. Em várias ocasiões, ministrei módulos sobre o *Manifesto* em nível de graduação ou pós-graduação na UFRGS, e cursos sobre o surrealismo na pós-graduação de outras instituições, a convite. Turmas pequenas, módulos ou cursos de curta duração, visando uma introdução aos *rudimentos* do *Manifesto*. Claro, o pouco tempo disponível cobra rapidez e agilidade do docente, o que (idealmente!) requer objetividade e clareza, além de preparo.

Texto difícil, o *Manifesto*! Na primeira vez em que o pautei em aula, muitas foram as dificuldades para ajudar o alunado a aproximar-se do mesmo. Pesquisei mais. Sobretudo, tive a sorte de desfrutar dos ensinamentos de surrealistas franceses – Jean Schuster (1929-1995), José Pierre (1927-1999); Claude Courtot (1939-2018) – que vieram palestrar no Brasil e com quem minha esposa e eu tivemos a felicidade de tecer laços de amizade e companheirismo. Minha compreensão do surrealismo deu um salto e creio que meu desempenho melhorou. Também contribuíram os diálogos com o alunado. A análise do *Manifesto*, que subjaz este artigo, é, portanto, o resultado de um rico processo de ensinamentos recebidos, pesquisas, aprendizados.

3 Sobre possíveis formas de condução das aulas

Múltiplas são as formas de condução das aulas. Como é, sobretudo (mas não apenas), através da prática que são construídas as habilidades físicas ou mentais, as teorias modernas dizem que o ensino visa *ajudar* os alunos a se apropriarem de saberes e competências que os *capacitam* a *exercer* com *autonomia* suas atividades, em meu caso, a análise literário-artístico-poética. *Através da prática*: em decorrência, as abordagens ativas orientam o docente a *não* substituir os alunos naquilo que podem fazer e, portanto, a privilegiar atividades que os estimulam a serem ativos, a intervirem. Tendência acentuada pela noção de ensino centrado nos alunos, na qual estes são os vetores da aprendizagem. (Cuq *et alii*, 2003, p. 26, 51, 164-165, 20-21, 39-40; Cuq, Grucca, 2002, 108-111, 126-128, 134-138). Qual condução propor para (tentar) possibilitar uma maximização da atividade dos discentes?

Nos referidos módulos e cursos, procurei evitar uma condução centrada nas falas expositivas (de docente e/ou discentes), e busquei propiciar atividades de *tateio*, aproximação ao texto, reconhecimento do terreno, esforço para reparar em certos elementos, destacá-los. Minha escolha foi, então, de propor uma análise coletiva do *Manifesto*, realizada por aproximações sucessivas ao conteúdo e à forma do texto, efetuadas através de tarefas de leitura (em geral, as mesmas para todo-a-s). Antes de vermos qual foi a primeira tarefa,...

4 Algumas palavras preliminares sobre o Manifesto e aviso prévio aos leitores

O *Manifesto* foi publicado em outubro de 1924, em Paris, pela editora Sagittaire/Simon Kra. André Breton (1896-1966) tinha 28 anos⁵. Com o esgotamento da primeira edição, houve uma reimpressão em 1929, precedida de um prefácio do autor. O Brasil teve de esperar 61 anos até aparecer, em 1985, uma versão brasileira (Editora Brasiliense, tradução de Luiz Forbes). Em 2001, saiu uma nova versão brasileira (Editora Nau, tradução de Sergio Pachá).

Os manifestos são, em geral, breves. Não é o caso deste. Tanto a edição francesa de bolso como as duas versões brasileiras têm cerca de 49 páginas. Ao folhear o volume, dois elementos se destacam visualmente. Por um lado, um trecho de quatro páginas, iniciadas e finalizadas por tarjas que atravessam horizontalmente a página. Por outro, pouco após, outro trecho, intitulado “Poema”: são três páginas com blocos de poucas palavras, centralizados, separados por generosos espaços em branco, impressos em letras de tipos e tamanhos diversos. Nada se destaca visualmente no restante do texto. Embora discreta, me parece digna de nota a recorrente inserção, pelo autor, de espaços interlineares brancos entre blocos de parágrafos, como que sinalizando o começo e o fim de subpartes do texto.

Neste artigo, não exponho nenhum módulo ou curso específico. Trata-se de uma síntese, uma abstração, elaborada a partir de minha vivência, experiência acumulada e reflexão sobre as ocasiões (quinze, ou mais?) em que dei aula sobre o *Manifesto*. Após inícios tateantes, firmei passos, construí um roteiro referencial mínimo, de base. A partir daí, embora cada aula e sequência de aulas tivessem suas particularidades, o roteiro do curso tendeu a se dar em torno de uma mesma linha mediana geral, com numerosas variações, porém, ao redor de uma espécie de denominador comum (o leitor podendo preferir seguir outros).

5 Informações e orientações preliminares dadas aos alunos

Antes do curso começar, o *Manifesto* (leitura obrigatória) foi disponibilizado à turma, em francês (Breton, 1996), em português e, quando o caso, em espanhol (Breton, 1992). A versão em português é um arquivo eletrônico encontrado, na internet, no sítio Domínio Público, sem indicação de fonte e tradutor. Descobri ser a edição brasileira de 1985

⁵ Para dados biográficos e históricos, remeto às somas de Marguerite Bonnet (1975) e Henri Béhar (1990).

(Brasiliense, tradução de Luiz Forbes), mas com erros oriundos da digitalização; corriji alguns.

O tipo de aula proposto foi informado: realizarmos, coletivamente, uma exploração do *Manifesto*, com o mínimo de ocorrências e tempo(s) de fala do professor. Alertei que, tratando-se de uma *exploração*, não adiantaria comparecer à aula sem ter percorrido o texto e, tampouco, ler resumo, comentários ou artigo a respeito, pois não me interessava eles repetirem o que diz tal ou qual comentarista, me interessavam *seus* comentários.

Por fim, foram lançadas duas perguntas a serem respondidas oralmente no primeiro encontro: a) qual foi sua reação inicial à leitura do *Manifesto*? b) após tomar alguma distância, o que passou a pensar a respeito? As respostas (a estas e a todas as demais que se seguiram) e os diálogos em torno delas constituem a matéria dos relatos e análises abaixo.

6 Qual foi sua reação epidérmica à leitura do Manifesto?

A rodada sobre a reação imediata geralmente assume a dinâmica de um *brainstorming*. Cada colocação gera acréscimos pelos demais. A abundância e diversidade de depoimentos dá a sensação de uma balbúrdia de apreciações.

Quais vocábulos (ou sinônimos) comparecem? O termo “loucura” é um dos primeiros. Também é muito frequentes, “desordem” e “confuso”, “incompreensível” e “obscuro”. Ainda surgem a questão do “não prazer” (até, “irritação”) quando da leitura do texto e a caracterização deste como “muito difícil” de ser lido. Porém, contraditoriamente, aparecem “explicativo”, “elucidativo”, bem como o “prazer” de lê-lo. Registra-se a ocorrência, meio solta, da palavra “excesso”. E a opinião de que o *Manifesto* é um escrito “agitado”, mas nem sempre. Tem muita diversidade, variação. É, também, “paradoxal” ou “ambíguo” (ou será “contraditório”?). Não se deixa “pegar”, ele “escapa” e “surpreende”.

Há amplo acordo sobre as palavras “preocupação”, “inquietação”. Vizinhas, mas distintas, estão “aflição” (daí, “agonia”) e “insatisfação”. Há divergências sobre o efeito (tonificador ou não) que o texto suscita: se é deprimente, puxa pra baixo (por causa da “aflição”, da “agonia”? por que aparece o tema da “morte”?) ou se ele provoca, estimula, desperta, vivifica? Ressurgem a “preocupação”, “inquietação”, associadas à “insatisfação” e, também, à atribuição de uma veia “crítica” ao *Manifesto*, um texto “compromissado” (aparece a palavra “ética”), até “corajoso”, certos trechos possuindo “força”, “vigor”, “energia”. Contrapõem-se as opiniões se o *Manifesto* atendeu o que esperavam de um escrito cujo título

contém a palavra “surrealismo” ou se houve quebra de expectativas. Há também colocações de que a apreciação a respeito do texto mudou no decorrer da leitura ou em uma releitura.

Um caudal extremamente rico (em quantidade e qualidade) de apreciações. Com confluências e divergências, nada surpreendente! Vamos para a segunda pergunta.

7 Após tomar alguma distância, o que cada um passou a pensar a respeito?

Não basta a decisão ou vontade de distanciar-se para consegui-lo. O desejado distanciamento é fruto de um processo de questionamentos e amadurecimentos, que demanda tempo (escasso nesses cursos e módulos).

Proponho que expliquem o que motivou suas reações. Por exemplo, por que “confuso, incompreensível, obscuro, difícil”? Comentam, trocam opiniões. Se necessário, faço perguntas, em dose homeopática, procurando achar o melhor momento para fazê-las. Por exemplo, por que ficou frustrado(a) ou, pelo contrário, satisfeito(a) com a leitura? Ou, já que se contrapõem as opiniões: são contradições conciliáveis ou não?

Aos poucos, num caminhar nem um pouco linear, emerge um novo quadro. Por um lado, dissipa-se a sensação de que as respostas à primeira pergunta deram vazão a um emaranhado de opiniões. Por outro lado, começa a ocorrer uma reacomodação das mesmas. Vejamos (no que segue, a ordem de apresentação é minha, poderia ser outra).

a) Quanto à quebra de expectativas, a turma esperava um escrito ilógico, delirante, transbordando de extravagância e *nonsense*. Toparam com um discurso argumentativo, logicamente construído, com poucas páginas de texto poético, que acharam difícil de decifrar.

b) O *Manifesto* é visto como “excessivo” (“exagerado”, “desmedido”, “extremo”), nas várias acepções da palavra: quantitativa, hiperbólica, desregrada, provocativamente.

c) A turma sentiu e, agora, repara que há grandes mudanças tanto de atmosfera como de tema quanto de grau de inteligibilidade, ou seja, diversidade, heterogeneidade.

d) Percebem que cada bloco de parágrafos corresponde a um assunto tratado de forma articulada, argumentado densamente. As dificuldades são de apreender os detalhes (às vezes extensos) de cada tema e, por outro lado, a conexão lógica, o encadeamento das numerosas ideias, parecendo haver uma miscelânea de elementos díspares ou contraditórios.

Proponho fazer-se, coletivamente, um pequeno balanço dos principais elementos trazidos à luz sobre a composição ou natureza do *Manifesto*. Não é nada fácil, mas sugiro apoiarem-se no levantamento feito e busco ajudar com perguntas.

A partir dos itens “a” e “c” acima, apontam que há heterogeneidade textual, o *Manifesto* sendo composto de, pelo menos, dois tipos de discursos: um de natureza argumentativa; o outro, poético, menos extenso. Pergunta: há outro(s)? Alguém responde: um relato. Certo! Outros? Fica em aberto. Avalio (certo ou errado) que, naquele estágio, a elaboração foi tão longe quanto possível. Para (espero!) impulsionar a reflexão até outro patamar, é preciso uma pausa voltada para uma nova tarefa, que formulo.

8 No Manifesto, cada um(a) escolhe até seis palavras ou ideias importantes

Até então, a aula se restringiu às reações ao *Manifesto*. Trabalho limitado, mas não inútil, pois permitiu à turma chegar-se a elementos de seu conteúdo e forma (baseado em como responderam à sua leitura). Agora, a aula entra no texto propriamente dito, buscando penetrar sua substância: ditam as palavras que escolheram, também reagem, trazem acréscimos. No quadro, anoto, assinalo a quantidade de citações. Em geral, o resultado não foge muito da lista abaixo (Quadro 1). A colheita foi completa? Quase! É bem satisfatória.

Primeiro, sugiro revisá-la coletivamente, fazer ajustes, explicitar palavras. Assim, termos sinônimos ou afins são unidos (os constantes no *Manifesto*) e/ou adicionados. Por exemplo, como “ética” aparece listado mas não consta no texto, proponho acrescentar termos que induziram a mencioná-lo, no caso, “moral” e “consciência moral”. À palavra “realismo” (que tampouco consta), ficaram apensados “realista”, “atitude realista”. Quanto à palavra “lógica”, ficou registrada sob as formas de “lógica dessecante”, “lógica racionalista”, “império da lógica”, usadas por Breton no *Manifesto* e alhures. Por sua vez, embora a palavra “inconsciente” não conste no texto, é mantida por referir-se às “profundezas da mente”, às “descobertas de Freud” (Breton, 2001 [1924], p. 23)⁶. Cabe, ainda, assinalar que, algumas vezes, “desmoralização (espírito de)” comparece. Essas precisões corrigem as inevitáveis diluição, dispersão e indistinção lexicais iniciais. Neste artigo, registro as palavras na ordem alfabética, salvo exceções (Quadro 1):

⁶ Neste artigo, todas as citações do *Manifesto* são extraídas da tradução de Sergio Pachá (Nau Editora, 2001).

Quadro 1 - As palavras importantes escolhidas

1) Automatismo, automatismo psíquico, escrita mecânica, modo de expressão pura;			
2) busca, exploração, investigação, procura;		3) criação, criatividade;	
4) desconhecido;		5) desmoralização (espírito de);	
6) espírito, mente, pensamento;		7) ética, moral, consciência moral;	
8) homem, ser humano (homens, seres humanos);		9) imagem;	
10) imaginação;	11) inconsciente;	12) infância;	13) liberdade;
14) lógica, lógica dessecante, lógica racionalista, império da lógica;			
15) louco(s), loucura;		16) maravilhoso;	17) mundo, sociedade;
18) pensamento falado;		19) poesia, poético;	20) quimera, irracional;
21) racionalismo, racionalismo absoluto, racionalismo positivista;			
22) desapego, desprendimento da lógica, do racionalismo;			
23) realista, atitude realista, realismo, atitude positivista;			
24) sonho (s);		25) trabalho;	26) vida.

Fonte: elaborado pelo autor deste artigo.

São vinte e seis itens. Desnecessário dizer que quase todos tiveram repetição(ões), alguns com alta recorrência. O enfileiramento alfabético é temática e conceitualmente desordenado, sem nexos. Trata-se, agora, de analisar e organizar esse material bruto. Vários caminhos são possíveis. Aqui, nesta minha hipotética aula de referência, faço uma escolha primeira, propondo que se tome um item como ponto de partida. Surgem, obviamente, “loucura” (o surrealismo sendo comumente associado ao desvario) e, como esperado, “imaginação”, “liberdade”, “maravilhoso”, “poesia”, “sonho(s)”. Ótimo! Mas sugiro começar com um termo menos esperável, bem geral. O que suscita discussões. O grupo repassa vários itens. “Ética”, “mundo”, “vida” são possibilidades. Vamos supor que “ética” foi selecionado.

9 Para onde levou a palavra “ética”?

Proponho um *brainstorm* em torno de “ética”, relacionando o termo com a lista de itens e com o texto do *Manifesto*. Ideias são lançadas, debatidas. “Ética, moral, consciência moral” chamam, atraem outras palavras, levando, por um lado, às palavras “exigência, reivindicação, valor(es) ético(a)(s)”, por outro lado, às palavras “busca, exploração, investigação, procura ética”, também a “homem(ns), ser(es) humano(s) X ética”, ainda a

“atitude, espírito, mente, postura, valor(es) ético(a)(s)”, além disso, a “vida X ética” e, outrossim, a “mundo/sociedade X ética”.

Sintetizando: por que as palavras “consciência moral, ética” aparecem? Porque o *Manifesto* trata do homem, dos homens, dos ser(es) humano(s) e de sua relação (atitude, postura) à ética, na vida, na sociedade, no mundo! O que levanta uma pergunta: eles buscam e prezam a questão ética ou a ignoram, a recusam?

O esquema corresponde, é fiel, porém por demais abstrato. Para dar-lhe concretude, é preciso examinar as valorações constantes na lista. Peço à turma arrolar os valores e, sobretudo, o sistema valorativo que podem nela encontrar. O que entendo por *sistema* de valores? É sistema dualista, tripartite, quádruplo?

10 O sistema de valores

A turma não tarda em analisar os itens. Ditam as respostas, escutam os demais, trazem acréscimos. Chega-se a um sistema dualista em que um conjunto de elementos é prezado, exaltado (alfabeticamente: automatismo, criação, imagem, imaginação, inconsciente, infância, liberdade, loucura, maravilhoso, poesia, sonhos) e contraposto a outro, cujos elementos são denunciados, rejeitados (atitude realista, império da lógica, mundo/sociedade, racionalismo absoluto, trabalho). Quantitativamente, há um desequilíbrio entre ambos os conjuntos: onze X cinco. Há dúvidas sobre o lugar de “vida”: entraria em um dos agrupamentos ou nos dois?

Desde já se pode apreender que, no *Manifesto*, o(s) homem(ns), o(s) ser(es) humano(s) está(ão) em uma *busca*, e que, nessa *procura*, há dois caminhos. Sugiro começar por....

11 O conjunto das desvalorizações, da rejeição

Peço que tentem ordenar os cinco itens: como se relacionam? há um pólo? Apontam “mundo” como a palavra em torno da qual as demais gravitam. Complementam: trata-se de nossa sociedade, regida pela atitude realista, pelo império da lógica, do racionalismo absoluto, e pelo trabalho (a escravidão assalariada). Para ilustrar, trago duas citações do *Manifesto*:

Tal como o concebo, o surrealismo declara tão claramente nosso *anticonformismo* absoluto que não seria possível ocorrer a alguém citá-lo como testemunha de defesa na [incriminação] do mundo real. (Breton, 2001 [1924], p. 63, grifado por ele).

[...] esse mundo, em que suporto tudo o que suporto [...], esse mundo moderno, enfim, que diabo querem que eu faça nele? (Breton, 2001 [1924], p. 61).

Acrescento que, quase trinta anos depois, Breton reafirmará estas linhas, em uma frase sintética: “[o] mundo [...] nos escandalizava” (1973 [1952], p. 98, tradução minha)⁷.

Chamo a atenção que as duas citações de 1924 estão no final do texto, no último parágrafo e no antepenúltimo. Convido a reler o último. Repararam em algo? Sim, na expressão “*anticonformismo* absoluto” que encabeça a primeira citação. Proponho deter-se nela.

12 “*Nosso anticonformismo absoluto*”

No último parágrafo do *Manifesto*, a expressão se destaca duplamente, pelo grifo no substantivo e pelo adjetivo, que o exacerba. Porém, paradoxalmente, embora ressaltada, não foi indicada para a lista de itens. Passou despercebida?

O que entender por “anticonformismo”? Não-conformismo (termo usado na tradução de 1985), i.e., “atitude de oposição, rejeição aos valores e normas (sociais, morais, intelectuais, etc.) vigentes num dado meio e/ou num dado período” (Houaiss, 2002). Alguns sinônimos? Contestação, insubmissão, protestação, rebeldia, revolta (que consta no *Manifesto*). Pergunto se falta uma palavra na lista? Após buscas, indicam “*desmoralização* (espírito de)” (Breton, 2001 [1924], p. 33, grifado por ele). Certo!

Do que antecede, aflora uma pergunta: pode-se dizer que o não-conformismo é um valor precípuo do surrealismo? Certamente! Colaboro com duas citações de Breton. Uma data de 1926, pouco posterior ao *Manifesto*: “[...] somente a revolta é criadora e, por isso, acreditamos que todos os motivos de revolta são bons” (Breton, 1977 [1926], p. 42, tradução minha). Quase vinte anos depois, a segunda citação confirma: “é a própria revolta, unicamente a revolta que é criadora de luz” (Breton, 1979 [1944], p. 121, tradução minha)⁸. Retomemos nossa...

13 *Incipiente síntese e o conjunto das valorizações*

Em sua *busca* de realização, de felicidade, de vida, os seres humanos estão diante de uma alternativa. Um caminho consiste em submeter-se ao mundo que aí está, amoldar-se a essa sociedade, regida pela atitude realista, pela hegemonia da lógica dessecante, do

⁷ “[le] monde [...] nous scandalisait”.

⁸ “la révolte seule est créatrice et c’est pourquoi nous estimons que tous les sujets de révolte sont bons”. “c’est la révolte même, la révolte seule qui est créatrice de lumière.”

racionalismo vigente, e pelo trabalho. O surrealismo recomenda não “abandona[r-se] a [esse] destino opaco”, sem luz (Breton, 2001 [1924], p. 16), aconselha virar-lhe as costas, tomar o outro caminho, procurar *luz*. Como? Imbuindo-se do espírito de *desmoralização*, indignando-se, revoltando-se. O que o *Manifesto* oferece para tanto? Passemos às valorizações.

São onze itens. Lembrando: automatismo, criação, imagem, imaginação, inconsciente, infância, liberdade, loucura, maravilhoso, poesia, sonhos. Como ordenar? Diferentemente do anterior, nenhum termo (ou mesmo, par de termos) se impõe como palavra(s)-chave.

Esclareço à turma que nem sempre se pode avançar apenas com base no saber próprio e nas trocas, análises e debates do grupo. Há momentos em que se torna imprescindível o aporte de subsídios (pelo docente ou outras fontes). Neste sentido, explico que Breton, em escritos ulteriores ao *Manifesto*, julgou por bem enunciar os valores cardeais do surrealismo. Assim, após instaurar a revolta como a fonte da luz (“é a própria revolta, unicamente a revolta que é criadora de luz”), explicitou o tripé de *valores eternos* em que o surrealismo se alicerça: “E essa luz não pode passar senão por três vias: a poesia, a liberdade e o amor [...]” (Breton, 1979 [1944], p. 121, tradução minha)⁹. Debrucemo-nos sobre eles. Começamos por...

14 A liberdade

Proponho revisarmos a presença da liberdade no *Manifesto* e suas relações com a lista de itens. Bem no início do texto (parágrafo cinco), uma vigorosa declaração de Breton dá o tom: “A palavra *liberdade* é a única que ainda me exalta. [...]. Ela responde, sem dúvida alguma, à minha única aspiração legítima” (2002 [1924], p. 17).

Antes de seguir, convido a ouvir o surrealista francês Gérard Legrand: a liberdade “não é [...] a liberdade de dizer qualquer coisa (inclusive mentir) ou de cometer qualquer ato: os ‘crimes’ concretos contra o espírito existem” (1982, p. 246, tradução minha)¹⁰ –, alerta bem atual nestes tempos de legiões de semeadores (políticos ou outros) da desinformação.

O que os surrealistas entendem por *liberdade*? Obviamente, a exigência e defesa das liberdades fundamentais: de pensamento, consciência, crença (religião, agnosticismo, ateísmo), opinião, expressão, criação artística, comunicação, reunião, associação (ideativa, política, sindical, partidária), manifestação, reivindicação, contestação, etc. Também, as denúncias e o irrestrito apoio aos combates contra os múltiplos jugos, coações, violências e

⁹ “c’est la révolte même, la révolte seule qui est créatrice de lumière.” “Et cette lumière ne peut se connaître que trois voies: la poésie, la liberté et l’amour [...]”

autoritarismos exercidos a toda hora em inúmeras situações no mundo inteiro: explorações e opressões políticas, sociais, raciais, de gênero, étnicas, etárias, profissionais, administrativo-burocráticas, hierarquistas, assediadoras, etc. Isso é vital!

Vital, mas elementar. A concepção surrealista de liberdade não se reduz às lutas político-sociais e à destruição dos tabus sexuais ou outros (Legrand, 1982, p. 246). Para entender sua amplitude, convido a investigar as relações que os itens selecionados mantêm com ela. Sugiro partir de outra citação. Após afirmar, “no meio de todas as desgraças que herdamos, cumpre reconhecer que nos foi deixada *a maior liberdade de espírito*”, Breton roga: “Cabe-nos não fazer mau uso dela” (2001 [1924], p. 17, grifo dele). Pergunto quais são os domínios em que se pode fazer *bom uso* dela?

Pergunta difícil, pelas características do *Manifesto*, mas tentam responder. Brota uma resposta. São, basicamente, três terrenos: o raciocínio, a criação, a experimentação.

15 Conquistar, exercer a liberdade de raciocínio!

Quanto ao terreno do raciocínio, lemos os parágrafos oito e nove do *Manifesto*:

É preciso instruir o [inquérito contra] a atitude realista [...]. [...inspirada] no positivismo, [esta] se me afigura hostil a qualquer arrancada intelectual e moral. Tenho-lhe horror, pois ela é fruto da mediocridade, do ódio e de presunção rasteira. É dela que nascem, hoje em dia, todos esses livros ridículos que insultam a inteligência. Continuamente vemos-la fortalecer-se nos jornais, pondo a perder os esforços da ciência e da arte, ao mesmo tempo em que se empenha em adular os gostos mais reles do público: a clareza que tende a confundir-se com a toleima [...]. (Breton, 2001 [1924], p. 19).

A turma pede que seja esclarecido o termo “positivismo”. Não se trata de uma referência às ideias de Auguste Comte (1798-1857), mas de um uso muito lato que, além de caracterizar as posturas positivistas como cientificistas, quantitativistas, associa também o termo a lógicas estreitas, mecânicas, reducionistas, fechadas, pragmática e utilitariamente imediatistas.

A citação é analisada, comentada. Pergunto como interpretam a última frase: *a clareza que tende a confundir-se com a toleima*. Entendem corretamente que Breton denuncia os simplismos, as pretensas comprovações de superstições e falsidades, as fórmulas resolutivas, as pseudoverdades universais, etc., que infelizmente grassam como erva daninha.

Podemos avançar à casa seguinte.

¹⁰ La liberté “n’est pas [...] liberté de dire n’importe quoi (y compris de mentir) ou de commettre n’importe quel acte : il y a des ‘crimes’ concrets contre l’esprit”.

16 Conquistar, exercer a liberdade de criação!

Quanto à criação, esclareço a turma que o surrealismo faz sua a concepção de Baudelaire: a imaginação é a “rainha das faculdades” (1989 [1855], p. 728, tradução minha)¹¹. Por quê? Lemos os parágrafos dois a cinco do *Manifesto*:

Somente a imaginação é capaz de mostrar-me aquilo que *pode ser* e isto só já é razão bastante para que se levante um pouco a terrível interdição; e é também razão bastante para que eu me abandone a ela sem medo de enganar-me (como se fosse possível enganarmo-nos ainda mais). (Breton, 2001 [1924], p. 17, grifo dele).

Portanto, o livre exercício da imaginação é a fonte da criação, da criatividade, da inspiração. E Breton exorta a *se abandonar* a ela.

Chamo a atenção que Breton faz uma declaração de amor à imaginação, a qual, porém, é também uma advertência: “Querida imaginação, aquilo que mais amo em ti é o fato de não perdoares”. Por que o alerta? Trata-se de um aviso ao jovem ou futuro adulto. Na infância, a “imaginação [...] não admitia limites”. Porém, junto com a aproximação da maioridade, “as ameaças se acumulam, é [lhe] preciso ceder e dar de mão parte do terreno por conquistar”. O *mundo real*, a sociedade, só lhe permite, então, “funcionar de acordo com as leis de uma utilidade arbitrária” (Breton, 2001 [1924], p. 17, 16).

Ora, “reduzir a imaginação à condição de escrava, ainda quando disso depende[r] o que é chamado grosseiramente de felicidade”, equivale a “atraíçoar o supremo imperativo de justiça que se encontra no íntimo de cada um”. Daí, a imaginação cobra a conta: “incapaz de sujeitar-se por muito tempo a esse papel subalterno, [ela], por volta dos vinte anos, prefere, em geral, abandonar o homem a seu destino opaco”, sem luz (Breton, 2001 [1924], p. 17, 16).

17 Conquistar, exercer a liberdade de experimentação

Quanto ao terreno da experimentação, vamos ao parágrafo quatorze do *Manifesto*:

Vivemos, ainda, sob o reinado da Lógica [...]. Mas, hoje em dia, os métodos da Lógica só servem para resolver problemas de interesse secundário. O racionalismo absoluto [...] não nos permite considerar senão fatos estreitamente relacionados com a nossa experiência. Por outro lado, os fins lógicos nos escapam. A própria experiência, escusa acrescentar, passou a ter seus limites estabelecidos. Ela se move para lá e para cá dentro de uma jaula, de onde é cada vez mais difícil fazê-la sair. Também, ela se funda na utilidade imediata e é guardada pelo senso comum.

¹¹ “reine des facultés”.

Socolor de civilização, a pretexto de progresso, chegou-se a banir do espírito tudo que [...] pode ser tachado de superstição ou de quimera; a proscrever qualquer modo de busca da verdade que não se conforme ao uso geral. (Breton, 2001 [1924], p. 23).

Ou seja, o surrealismo reivindica a liberdade de experimentar caminhos, atividades e/ou pesquisar fenômenos desprezados ou recusados pelo pretense bom senso, i.e., pelo senso comum, ou simplesmente, pelos conservadorismos (elitismo, academicismo, rotinas, espírito de corpo). Por exemplo, defende a legitimidade das práticas de automatismo (automatismo escrito, gráfico, mediúnico, etc.), dos relatos de sonhos, dos sonhos hipnóticos ou auto-hipnóticos, das frases de semi-sono, dos jogos, a legitimidade de investigar o irracional ou mágico, os fenômenos de acaso (ou acaso objetivo), de recorrer ao método do *desvio absoluto* de Charles Fourier (1772-1857), entre outros. Em oposição ao racionalismo fechado, o surrealismo propugna um *racionalismo aberto* (Breton, 1985 [1937], p. 16).

Proponho, então, examinar a menção à loucura. Lemos os parágrafos cinco a sete.

18 Liberdade e loucura

No final do parágrafo cinco, Breton pergunta: “Em que ponto [a imaginação] começa a ser nociva e deixa de existir a segurança do espírito?” E responde imediatamente. Por um lado, com outra pergunta, eminentemente elíptica: de que pode decorrer a possibilidade de o espírito errar? Por outro lado, com 29 linhas (parágrafo seis) sobre a loucura em que reconhece que a total emancipação da imaginação não está desprovida de riscos. Pois os loucos (é o termo que usa) são, “em maior ou menor grau, vítimas de sua imaginação”, porque “ela os induz a não observar determinadas regras”, o que, naquele então, implicava o grande perigo de ficarem trancafiados! Porém, vem a ressalva: “As confidências dos loucos são algo que eu passaria toda minha vida a suscitar. Eles são criaturas de uma honestidade escrupulosa cuja inocência só se pode comparar à minha” (Breton, 2001 [1924], p. 17-18).

A turma está perplexa, com dúvidas. Explico que Breton conheceu a realidade da loucura de muito perto (foi estudante de psiquiatria). Ao examinar o tema, Marguerite Bonnet (1988) observa que as formulações dele variaram segundo o tipo e finalidade de seus escritos. Por exemplo, em certas cartas, ele destacou os desgastes físicos e mentais. Também, sempre cuidou, nas experimentações surrealistas, de preservar os parceiros dos riscos de deriva mental. Mas, Bonnet comenta que, no *Manifesto*, seu enfoque da questão é mais positivo, em

decorrência de sua “exaltação da imaginação” e de seu imenso “respeito” pela “fonte de criatividade” que a loucura proporciona (Bonnet, 1988, p. 1344, tradução minha)¹².

O que pensar? Breton encerra sua reflexão lançando esta frase: “Não é o temor da loucura que nós obrigará a deixar a bandeira da imaginação a meio pau” (2001, [1924], p.18). Sentença forte, desafiadora, provocativa! Mesmo assim a palavra *temor* está presente.

Resumindo, o surrealismo convida a se desapegar, desprender, soltar e desencaminhar dos trilhos costumeiros, rotineiros; a libertar a mente, o pensamento das amarras e grilhões dos preconceitos, dos dogmas, do senso comum, das lógicas e dos racionalismos estreitos, rasteiros, fechados. Agora, voltemos à tríade de *valores eternos* e, neles, passemos a...

19 O amor

É pouco visível no *Manifesto*. Contudo, em “Poema”, cintila a frase “Antes de tudo o amor”. Deve ser contextualizada, confrontada com as frases feitas da ideologia de então, quando, antes de tudo, vinha Deus, a pátria, a família ou o dever militar! Outrossim, Breton caracteriza o amor como uma “situação excepcional” (momentosa, profunda, de grande intensidade). Infelizmente, no *mundo real* os seres humanos geralmente “se torn[aram] incapaz de estar à altura” dela (Breton, 2001, p. 59, 16). No trio de *valores eternos*, vamos para...

20 Poesia e vida; e o fazer poético?

Entre os 26 itens selecionados, quais dizem respeito a “poesia”? Obviamente “criação”, “imaginação”, “desapego do racionalismo”, “loucura” e “quimera”, já relacionados. A turma também lista “automatismo”, “imagem”, “inconsciente”, “maravilhoso”, “pensamento falado”, “sonho”. Como proceder? Proponho examinar os usos de “poesia” no *Manifesto*. Chamo a atenção ao parágrafo 28. Algo a salientar? Nada fácil. Finalmente, destacam duas citações. A afirmação de que “[na poesia] se encontra a perfeita compensação das misérias que sofremos” (Breton, 2001 [1924], p. 33). Por que a compensação? Pelo seu poder de sensibilizar, pelo prazer, pelas emoções, sensações, plenitudes que suscita? Sim, mas também porque, ao constituir a própria essência da poesia, a

¹² “exaltation de l’imagination”, “respect”, “réserve de créativité”.

imaginação lhe confere sua capacidade de *mostrar aquilo que pode ser* (ver *supra*) e, assim, denunciar aquilo que é: o mundo real. A outra citação é o apelo a “*praticar a poesia*” (Breton, 2001 [1924], p. 33). E o grifo? Assinala o sentido literal e sua relevância: a poesia encarada como um modo de ser, de viver, uma práxis de vida. Quanto à face *poesia e vida*, é isso.

Existe outra? Há aquilo que se pode fazer com palavras, pincel, cinzel (há várias denominações: poesia escrita, plástica, fazer poético, etc.). O que o *Manifesto* diz a respeito? Pergunto quais são as forças que obstam à elevação intelectual e sensível propiciada pela poesia? Como vimos, são as ideologias e lógicas utilitárias, esquemáticas. O que o escritor-poeta pode fazer para sobrepor-se a elas? O *Manifesto* oferece dois caminhos. Primeiro,...

21 “O maravilhoso é sempre belo, qualquer tipo de maravilhoso é belo [...]”

Vejam os parágrafos 23. O que mostra? Que a vigência da doxa acarreta “o ódio ao maravilhoso que grassa no espírito de certos indivíduos [...]”. O que argumenta Breton? “No âmbito da literatura, só o maravilhoso é capaz de fecundar as obras pertencentes a um gênero inferior como o romance e, de modo geral, tudo o que participa do gênero narrativo”. E aponta *O monge* (1796) de Matthew Gregory Lewis (1775-1818) como modelo: “O sopro do maravilhoso penetra-o de todo em todo” (Breton, 2001 [1924], p. 28-29).

O que é o maravilhoso? Nada fácil! Procurando, apontam duas citações: o maravilhoso “participa, misteriosamente, de uma espécie de revelação geral” e, embora seja através de certos pormenores ou detalhes datados (como as ruínas românticas) que essa revelação mexa com a sensibilidade humana, mesmo assim, através deles comparece sempre “a irremediável inquietação humana”. Também, como em *O monge*, o maravilhoso exalta, “da maneira mais pura que se possa conceber, aquela parte do espírito que aspira a desprender-se da terra” (Breton, 2001 [1924], p. 30, 29). Qual é o segundo caminho oferecido pelo *Manifesto*?

22 A poesia: natureza, inspiração

Convido a sondar o parágrafo 29. Algo a destacar? Sim: “Trat[a]-se de remontar às fontes da imaginação poética [...]” (Breton, 2001 [1924], p. 33). Isto é? Respostas hesitantes: como escrever? a inspiração? Certíssimo! Peço atentar para os parágrafos seguintes: de que se trata? É um relato (apontado no item oito). Longo relato, sobre?...

As dez páginas começam expondo a busca de *algo*. Algo? Trago subsídios. Breton e amigos desejavam novos caminhos para o fazer poético. Na senda de Victor Hugo, Baudelaire

e outros do século 19, investiam na libertação da poesia e da imaginação, apostavam na inspiração. Com Apollinaire, associavam a poesia moderna à surpresa e, com Lautréamont e Reverdy, à intensidade das centelhas nascidas das imagens. Mas suas duas maiores referências – duas *revelações* – eram Rimbaud, figura e obra *exemplares*, e Lautréamont-Ducasse (humor, insubmissão, lucidez impiedosa, uso subversivo, às *avessas*, da língua e da retórica, etc.). Desde 1917, refletiam sobre a natureza do lirismo, intentavam, em vão, desvendar aquilo que acreditavam ser o segredo de Rimbaud. Convido a turma a ler os parágrafos 30 a 39.

Em 1919, uma noite, no limiar do adormecer, chegou-lhe, “insistente”, uma “frase estranha”, uma “imagem de tipo bastante raro”. Foi logo seguida por outras, tão surpreendentes, causando-lhe forte “impressão de gratuidade” (Breton 2001 [1924], p. 34, 36-37). Convidou então o amigo Philippe Soupault (1897-1990) a um experimento: obterem de si e anotar “um monólogo enunciado o mais depressa possível”, sem censura ou inibição conscientes, que correspondesse, “tanto quanto possível, ao *pensamento falado*”. Em memória de Apollinaire, batizaram de “surrealismo” esse “novo modo de expressão pura”, e o material produzido resultou na publicação de *Os campos magnéticos* (1919), primeiro volume de escrita surrealista ou automática (espontânea). Ao final desse relato, numa definição ironicamente calcada no padrão das enciclopédias, o *Manifesto* caracteriza o surrealismo como um “automatismo psíquico em estado puro [...]” (Breton, 2001 [1924], p. 37, 39-40).

Seguem vinte páginas (Breton, 2001 [1924], p. 41-60) com: a) a lista dos dezenove parceiros que deram provas de “surrealismo absoluto”; b) uma lista de precursores, que, com humor, Breton destaca por certas qualidades (“Jarry é surrealista no absinto”, etc.), mas “nem sempre [foram] surrealistas”; c) exemplos de escrita automática (“Que lástima! Eu creio na virtude dos pássaros. E basta uma pena para me matar de rir”, de J. Delteil); d) as quatro páginas enquadradas por duas tarjas horizontais, mencionadas no item quatro, as quais, irônica e provocativamente, oferecem “Segredos da arte mágica surrealista”, por exemplo, “Como escrever falsos romances”; e) reflexões sobre o uso surrealista da linguagem; e) estas são entremeadas com exemplos de imagens surrealistas e, também, com as três páginas, intituladas “Poema”, mencionadas no item quatro.

O *Manifesto* encerra com três parágrafos de considerações, “muito mais sérias”, sobre as “aplicações do surrealismo à ação” e o “anticonformismo” (Breton, 2001 [1924], p. 61, 63).

23 À guisa de conclusão...

- 1) Este artigo versa sobre o *Manifesto*. Me ative ao mesmo, salvo raras exceções.
- 2) O surrealismo, o *Manifesto* desconcertam. Espera-se uma exposição sobre uma escola literário-artística, porém, em vez de debater estilos, as páginas que antecedem tratam de conceitos, de valores, de ética, até de *aplicações do surrealismo à ação* e de contestação.
- 3) O surrealismo não despreza nem nega a arte, pelo contrário, porém, os pontos especificamente artísticos, estéticos, não são exteriores ou alheios ao conjunto de concepções que embasam e norteiam o surrealismo, conjunto do qual participam e ao qual pertencem.
- 4) Assim, no cerne do surrealismo estão o ser humano e seu lugar, sua postura na sociedade, isto é, os seus consentimentos e adesões ou, pelo contrário, suas resistências e recusas, no jogo de forças contraditórias, nos embates que opõem os conformismos e oficialismos à contestação e à emancipação dos mais diversos jugos.
- 5) O surrealista francês Jean Schuster explica: “O surrealismo baseia-se na ambição de restituir ao ser humano os poderes de que foi despojado por certas forças e certas instituições, muitas vezes com sua própria cumplicidade” (1991, p. 31). Ou seja, por um lado, o submetimento às opressões, imediatismos e utilitarismos do mundo real, por outro lado, a libertação das faculdades de imaginar, sonhar, experimentar, criar, descobrir, inventar, etc.
- 6) Disso decorrem os valores cardeais do surrealismo: o questionamento radical, o não-conformismo, a revolta como fonte de luz, e a tríade das valorizações: poesia, liberdade, amor. Existem outros valores prezados pelo surrealismo? Sim: a imaginação, o maravilhoso, o humor, a surpresa, a beleza convulsiva, a *razão ardente* de Apollinaire (que exige uma lógica e um racionalismo abertos), a autenticidade (e honestidade intelectual, ética), o questionamento, etc. É uma lista aberta.
- 7) Para a restituição, recuperação e efetivação dessas forças internas, desses valores e faculdades, o surrealismo se apoia em técnicas (ferramentas, armas), ou em vias e meios de sondagem, exploração e acesso a eles. São as diversas formas de automatismos, os sonhos, as múltiplas formas de jogos, a aposta no(s) acaso(s), etc. – tão importantes que, em certa medida, assumem também o estatuto de valores. E é neste âmbito que se situa o fazer poético (escrito, desenhado, pintado, esculpido, teatro, cinema, etc.).
- 8) Voltando à questão inicial: por que o surrealismo desconcerta? Porque sua *natureza* (ou *essência*) é diferente daquela de uma escola literário-artística. O surrealismo é uma forma de pensar, de enxergar, um modo de viver, um *estado de espírito*. Noção expressada cabalmente na *Declaração [coletiva] do 27 de janeiro de 1925*:

O surrealismo não é uma forma poética.
É um grito do espírito que se volta para si mesmo

e está completamente decidido a quebrar desesperadamente
seus grilhões,
se necessário com martelos materiais. (Aragon *et alii*, 1980 [1925], p. 35).

9) O surrealismo é assunto vasto. O *Manifesto* transborda de temas, conceitos, explicações, exemplos, etc. Pela inevitável falta de espaço, me limitei ao essencial, pouco além dos rudimentos. Lamento não ter podido abordar a teoria da imagem, as reflexões sobre os sonhos, etc., nem poder comentar o pós-1924 (por exemplo, a ampliação do espaço do amor-paixão: amor louco, com Breton; amor sublime, com Benjamin Péret). São assuntos para outros artigos.

REFERÊNCIAS

ARAGON, Louis *et alii*. Déclaration du 27 janvier 1925. In: PIERRE, José (Org.). *Tracts surréalistes et déclarations collectives*, t. 1: 1922-1939. Organisation et commentaires de José Pierre. Paris: Éric Losfeld, 1980. p. 34-35.

BAUDELAIRE, Charles. Exposition universelle, 1855. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Paris: Robert Laffont, coll. Bouquins, 1989. p. 722-735.

BÉHAR, Henri. *André Breton, le grand indésirable*. Paris: Calmann-Lévy, 1990.

BONNET, Marguerite. *André Breton, naissance de l'aventure surréaliste*. Paris: Corti, 1975.

BONNET, Marguerite. Notes à Pour Dada et notes au Manifeste de 1924. In: BRETON, André. *Œuvres complètes*, tome 1. Édition établie par Marguerite Bonnet *et alii*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1988. p. 1257-1261, 1343-1364.

BRETON, André. Arcane 17. (1944). In: BRETON, André. *Arcane 17* enté d'*Ajourns*. Paris: UGE, coll. 10/19, 1979. p. 5-121.

BRETON, André. Entretien avec Madeleine Chapsal. (1962). In: BRETON, André. *Perspective cavalière*. Paris: Gallimard, 1970. p. 204-214.

BRETON, André. Entretiens radiophoniques avec André Parinaud. (1952). In: BRETON, André. *Entretiens (1913-1952)*. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris: Gallimard, coll. Idées, 1973. p. 17-222.

BRETON, André. Flagrant délit. (1949). In: BRETON, André. *La Clé des champs*. Paris: Pauvert, 1985. p. 134-176.

BRETON, André. Légitime défense. (1926). In: BRETON, André. *Point du jour*. Paris: Gallimard, coll. Idées, 1977. p. 31-52.

BRETON, André. Limites non-frontières du surréalisme. (1937). In: BRETON, André. *La Clé des champs*. Paris: Pauvert, 1985. p. 13-24.

BRETON, André. Manifeste du surréalisme. (1924). In: BRETON, André. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard, coll. Folio, 1996. p. 13-60.

BRETON, André. Manifesto do surrealismo. In: BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Traduzido do francês por Luiz Forbes. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 33-81.

BRETON, André. Manifesto do surrealismo. (1924). In: BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Traduzido do francês por Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau, 2001. p. 15-64.

BRETON, André. Manifiesto del surrealismo. In: BRETON, André. *Manifiestos del surrealismo*. Traducción del francés de Aldo Pellegrini. Buenos Aires: Editorial Argonauta, 1992. p. 19-69.

BRETON, André. Pour Dada. (1920). In: BRETON, André. *Les Pas perdus*. Paris: Gallimard, 1949. p. 85-94.

BRETON, André. Silence d'or. (1946). In: BRETON, André. *La Clé des champs*. Paris: Pauvert, 1985. p. 76-80.

CUQ, Jean-Pierre (Dir.) et alii. *Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde*. Paris: CLE International, 2003.

CUQ, Jean-Pierre; GRUCCA, Isabelle. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Grenoble: PUG, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. CD-ROM 1.0.5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LEGRAND, Gérard. Liberté. In: BIRO, Adam; PASSERON, René. *Dictionnaire général du surréalisme et de ses environs*. Paris: PUF, 1982. p. 246.

SCHUSTER, Jean. Surrealismo e liberdade. In: PONGE, Robert (Org.). *O surrealismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. p. 31-37.

Artigo submetido em: 14 mar. 2024

Aceito para publicação em: 06 abr. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.139537>